



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

*L'AVENIR A RENDEZ-VOUS AVEC L'AUBE*: uma introdução à poesia urgente em  
tempos de guerra

ANDRESSA BRAL CHAVES

RIO DE JANEIRO

2021

ANDRESSA BRAL CHAVES

*L'AVENIR A RENDEZ-VOUS AVEC L'AUBE*: uma introdução à poesia urgente em  
tempos de guerra

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Letras  
na habilitação Português / Francês.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacques de Moraes

RIO DE JANEIRO

2021

### CIP - Catalogação na Publicação

CC5121 Chaves, Andressa Bral  
L'AVENIR A RENDEZ-VOUS AVEC L'AUBE: uma  
introdução à poesia urgente em tempos de guerra /  
Andressa Bral Chaves. -- Rio de Janeiro, 2021.  
42 f.

Orientador: Marcelo Jacques de Moraes.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Francês,  
2021.

1. Tanella Boni. 2. Literatura africana  
francófona. 3. Francofonia. 4. Identidade. 5.  
Tradução. I. Moraes, Marcelo Jacques de, orient.  
II. Título.

**FOLHA DE AVALIAÇÃO**

ANDRESSA BRAL CHAVES

DRE: 116083091

*L'AVENIR A RENDEZ-VOUS AVEC L'AUBE*: uma introdução à poesia urgente em  
tempos de guerra

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Letras  
na habilitação Português / Francês.

Data de avaliação: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
NOTA: \_\_\_\_\_

Marcelo Jacques de Moraes - Presidente da Banca Examinadora

Universidade Federal do Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_  
NOTA: \_\_\_\_\_

Rodrigo Silva Ielpo – Leitor Crítico

Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha avó materna Célia Maria, quem eu perdi durante o tempo em que escrevia esse trabalho. Agradeço por tudo, todos esses anos, por todo o apoio, todos os ensinamentos e pelo infinito carinho e amor, que permanecem comigo não importa o que aconteça. Sempre lembrarei de todos os “bom dia” e cafés da manhã oferecidos quando você esbarrava comigo no corredor do prédio antes de eu ir para a faculdade. Me sinto eternamente grata e dedico esse trabalho a você.

À minha mãe Andréa, que sempre me apoiou em todas as questões da faculdade e em todos os aspectos da vida. Agradeço por todo suporte, amor e compreensão todos esses anos.

Obrigada também ao orientador e professor Marcelo, que me auxiliou muito na produção dessa monografia, com ideias e incentivo, além de muita atenção e compreensão em relação a tudo.

Por fim, aos meus amiguinhos de quatro patas: Jake, Johnny e Eva, que estiveram deitados ao lado (ou em cima) do computador durante todas as horas em que escrevi esse trabalho. Obrigada pela constante companhia e amor.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FRANCOFONIA, IDENTIDADE E LITERATURA AFRICANA .....	8
2.1 Conceitos e características socioculturais .....	8
2.2 O papel da tradução e suas dificuldades .....	19
3. BIOGRAFIA E OBRA DE TANELLA BONI .....	21
3.1 Sobre a autora .....	22
3.2 Alguns temas recorrentes em suas obras .....	23
4. SOBRE O LIVRO <i>L'AVENIR A RENDEZ-VOUS AVEC L'AUBE</i> .....	24
4.1 Contexto sociopolítico durante o processo de escrita .....	25
5. TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS.....	26
5.1 Justificativa da escolha dos poemas.....	26
5.2 Tradução dos poemas e comentários .....	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
REFERÊNCIAS .....	39
ANEXOS .....	41
Anexo A: Obras literárias de Tanella Boni.....	41

## ***L'AVENIR A RENDEZ-VOUS AVEC L'AUBE: UMA INTRODUÇÃO À POESIA URGENTE EM TEMPOS DE GUERRA***

### **1. INTRODUÇÃO**

Esta monografia tem por intuito apresentar a obra de Tanella Boni, escritora marfinense nascida em 1954, autora premiada de mais de 20 obras literárias, entre coletâneas de poemas, romances, ensaios e literatura infantil. Além disso, propomos uma tradução comentada de 7 dos 21 poemas de seu livro *L'avenir a rendez-vous avec l'aube* (2011).

O livro escolhido para a tradução dos poemas foi escrito durante os anos de 2001-2011, e tem como tema principal a vivência das atrocidades e as violências de guerra na Costa do Marfim.

A escolha de *L'avenir a rendez-vous avec l'aube* (2011) se justifica pelo pouco contato que tive com autores francófonos que escrevem de fora da França durante minha passagem pelo curso de Letras: Português-Francês na universidade. Dessa forma, parti à procura de autores francófonos de outros países e foi assim que cheguei até Tanella Boni e ao livro aqui analisado.

Considerando que a Costa do Marfim é uma ex-colônia da França, e que a língua francesa é o idioma oficial do país, Boni escreve seus trabalhos em francês. Entretanto, apesar disso, é necessário levar em conta que o francês nem sempre é falado e compreendido por boa parte da população, parte essa que vai conviver e se comunicar por meio de outras línguas. Nesse livro de Boni em particular, ela produz poemas sobre seu país, sua história e contexto sociopolítico.

Devido ao pouco contato com autores francófonos de fora da França, me perguntei por qual razão é tão difícil encontrar esses autores para leitura e mais ainda: encontrar uma tradução de seus trabalhos. No caso de Tanella Boni, ela tem somente um livro traduzido para outra língua, no caso a língua inglesa.<sup>1</sup>

Assim, decidi traduzir alguns de seus poemas deste livro, com o propósito de contribuir para os Estudos da Tradução Literária, aqui no caso em especial da Literatura Francófona Africana, por meio da análise de questões sociais, identitárias, culturais e políticas, além de tentar discutir o lugar da francofonia e da escrita nesse processo de

---

<sup>1</sup> <https://www.nebraskapress.unl.edu/nebraska/9781496211859/>

globalização do mundo e também o papel da tradução e suas dificuldades. Ademais, também me proponho a apresentar o trabalho da autora para os leitores de língua portuguesa, uma vez que ainda não há tradução de nenhum dos seus trabalhos no Brasil.

Quanto à sua estrutura, este trabalho está organizado em quatro seções: **1. Introdução;** **2. Francofonia, Identidade e Literatura Africana**, que trata das características da literatura africana e suas questões socioculturais e linguísticas; **3. Biografia e Obra de Tanella Boni**, apresenta a autora, suas obras e seus temas centrais de escrita; **4. Sobre o livro *L'avenir a rendez-vous avec l'aube***, apresenta o livro trabalhado; **5. Tradução e comentários**, traz o texto original em língua francesa e a sua tradução em língua portuguesa, além de alguns comentários e reflexões que surgem durante o processo tradutório; **6. Considerações finais**.

## **2. FRANCOFONIA, IDENTIDADE E LITERATURA AFRICANA**

### **2.1. Conceitos e características socioculturais**

Primeiramente, para pensar sobre os temas aqui debatidos, utilizei conceitos teóricos baseados na obra *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), do poeta, romancista, dramaturgo... e ensaísta antilhano Édouard Glissant, *Écrire dans l'urgence ou partage inégal du sensible* (2009), da própria Tanella Boni, *Pode um subalterno falar?* (2010), da filósofa indiana Gayatri Chakravorty Spivak e *Kafka: para uma literatura menor* (1975) dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Glissant vai debater as relações entre língua, cultura e identidade, aqui em específico a língua francesa. Segundo ele, atualmente, no mundo caótico no qual vivemos, onde ocorre contato desenfreado entre línguas, pessoas e culturas, ao mesmo tempo em que absorvemos uma cultura, também influenciemos outras, logo, essas culturas permutam entre si e se transformam.

Portanto, ele afirma que é preciso abandonar o conceito anterior de identidade, aquele que idealiza a identidade como algo que só é válido se for “exclusiva” e totalmente diferente de outras já vistas (2005, p. 18). Desta maneira, precisamos ter um conceito de identidade pautado na ideia de relação entre culturas e na inferência destas umas sobre as outras.



Sendo assim, surge aqui a necessidade de pensar o mundo atual e as suas relações como um encontro de culturas e línguas, que, ao serem colocadas juntas, devem ser absorvidas umas pelas outras e aproveitadas como uma forma de produzir algo inédito, algo excepcional. Logo, para Glissant, o papel das criações artísticas do mundo atual é justamente o de obter a criação do novo a partir de elementos distintos e diversos.

Com esse conceito de identidade apresentado por Glissant, podemos nos questionar novamente sobre a razão pela qual autores francófonos sem origem francesa, sendo esses os povos que vieram a povoar as ex-colônias francesas ou os que já habitavam os locais de colonização, não têm tanta visibilidade no universo da literatura de língua francesa no Brasil quanto os próprios autores franceses.

Glissant nos traz então o conceito de “crioulização”, que pressupõe que “os elementos culturais colocados em presença um dos outros devam ser obrigatoriamente ‘equivalentes em valor’ para que essa crioulização se efetue realmente” (2005, p. 21). Dessa forma, conseguimos entender que, caso elementos de diferentes culturas sejam colocados em relação uns aos outros, de maneira hierarquizada, a crioulização ocorrerá de maneira injusta. Aqui temos como exemplo as culturas e línguas hegemônicas, de tradução letrada, que submetem as culturas de tradição oral aos seus padrões de cultura escrita, uma vez que não reconhecem a existência e a circulação de uma cultura popular nesses outros espaços sociais, mesmo que de maneira não gráfica.

Logo, é possível entender que há uma inferiorização dos elementos culturais africanos, aqui em específico da Costa do Marfim, em relação aos elementos culturais da França, que, por toda sua história de colonizador e poderio, tende a colocar-se como superior em relação aos elementos culturais advindos da Costa do Marfim.

Ainda nessa questão de hierarquia, trago a perspectiva da própria Tanella Boni, para quem “expressar-se por meio da arte é algo próprio a todas as culturas”. No entanto, as formas de como isso se dá ocorrem diferentemente de acordo com determinado local e povo, ou seja, apesar da expressão da arte ser algo que nos liga em um tipo de “humanidade comum”, “a maneira de participar em relação às práticas artísticas, à consumação, à circulação das mesmas, e o reconhecimento das produções artísticas e culturais não são os mesmos” a depender do país e do continente, e ainda menos quando

falamos daqueles que são os “centros de decisões, de compartilhamento” e que demarcam as “margens do mundo”<sup>2</sup>.

Quando Boni cita os “centros de decisões, de compartilhamento” e as “margens do mundo” demarcadas por esses, penso que ela se refere exatamente a essas nações que estruturam o mundo, que ainda pensam de maneira absoluta em relação à cultura, à língua e à história. Esses “centros” não seguem o mesmo fluxo relacional do mundo, e não estão ainda dispostos a aceitarem sua diversidade multicultural, portanto, sentem a necessidade de demarcar essas verdades absolutas e as formas de arte também absolutas, que sejam superiores de acordo com os seus parâmetros e seus pontos de vista.

Na perspectiva do conceito de “crioulização”, Glissant define uma língua crioula como “uma língua compósita, nascida do contato entre elementos linguísticos absolutamente heterogêneos uns aos outros” (2005, p. 24). Além disso, referindo-se à língua francesa, o escritor antilhano também afirma que “quando estudamos as origens de toda e qualquer língua, inclusive da língua francesa, percebemos que quase toda língua nas suas origens é uma língua crioula.” (p. 26).

Partindo deste ponto, quando falamos da questão da francofonia e da literatura produzida em língua francesa fora da França, penso ser possível perceber que embora haja relação entre as culturas do país colonizador (a França) e suas antigas colônias, ainda é possível, nos dias de hoje, compreender que não há uma valorização das culturas de forma igualitária. Portanto, o termo da “crioulização” de Glissant ainda se aplica ao mundo atual, uma vez que a todo momento há choque entre uma ou mais culturas.

É relevante pensarmos no fato de que os “grandes centros de decisões, de compartilhamento”, segundo os termos Boni acima referidos, são aqueles países que por meio de seu poderio conseguem delimitar e reconhecer cada arte e artista como algo de maior ou menor valor e importância. Aqui no caso temos a França, país colonizador, e a Costa do Marfim, sua ex-colônia. Apesar do “fim” dessa colonização, ainda há uma presente inferência e influência por parte dos franceses. Inferências e influências que são

---

<sup>2</sup> Quando as citações forem de Boni (2009), todas as traduções dos termos e conceitos aqui utilizados são minhas, dado que esse texto foi somente publicado em língua francesa e até então não tem tradução publicada em língua portuguesa. Original: “L’aptitude à s’exprimer par l’art est propre à toute culture. Cependant, si cette aptitude nous rattache à une commune humanité, la manière de prendre part à la pratique artistique, à la consommation, à la circulation, et à la reconnaissance des productions artistiques et des expressions culturelles, n’est pas la même d’un pays à l’autre, ni d’un continent à l’autre, encore moins des centres de décision, de partage, jusqu’aux marges du monde.” (BONI, 2009, p. 44)

tanto de cunho político-social quanto culturais, como aqui no caso da arte e da literatura africanas francófonas.

Glissant se vale também dos conceitos de “língua dominante” e “língua dominada”, que podem ser aplicados nesse contexto em relação à língua francesa e à língua crioula, respectivamente. No entanto, segundo Glissant, o imaginário do autor que escreve em uma segunda língua necessita atualmente de ambas as línguas para escrever, já que vivemos em um mundo caótico com tantos choques recorrentes entre culturas. Essa necessidade das duas línguas é o que ele vai chamar de “multilinguismo”, que significa para um sujeito “a presença das línguas do mundo na prática de sua própria língua” (2005, p. 51). Para que, a partir desses choques recorrentes e desse multilinguismo, sejamos capazes de inventar novas formas de traduzir, e não estejamos somente presos a passagem de uma língua para a outra de forma literal, tradução que busca somente as correspondências exatas entre as línguas.

Isto é, se não há nenhuma língua que tenha o monopólio da verdade, existe, por outro lado, a necessidade de juntar todo esse caos de informações, esse encontro de línguas, civilizações, culturas e transformar em uma língua particular, uma língua capaz de construir uma experiência individual sobre o que é viver nesse mundo caótico, nessa complexidade em que todas as línguas se falam e se confundem ao mesmo tempo.

Glissant também faz uma distinção entre os termos língua e linguagem, algo que vejo como essencial para esta discussão. Segundo ele, a linguagem é “a relação que construímos com as palavras em matéria de literatura e poesia” (2005, p. 51). Desse modo, construir uma linguagem por meio de várias línguas seria uma forma de enxergar todas as possíveis relações que podem existir no mundo. Para Glissant, a missão do poeta é ser capaz de entrelaçar as diversas línguas que atravessam sua experiência de mundo e assim harmonizá-las enquanto escreve.

Tratando-se da francofonia, precisamos falar da necessidade de alguns autores africanos de escreverem em língua francesa e não em suas próprias línguas maternas. Isso está ligado a uma necessidade de se fazer visto, uma vez que as literaturas escritas em línguas que não sejam a língua do colonizador tendem a ser não lidas com tanta frequência, a não ser pelos falantes nativos, principalmente pelo fato de suas línguas maternas serem línguas de tradição oral, que diferem dos padrões de escrita das línguas letradas das culturas hegemônicas.

Boni trata então “a escrita como viático e travessia de línguas”<sup>3</sup>, referindo-se à arte e à literatura que surgem em relação a essas “margens do mundo”. Considera que há um sentimento de que “não existe liberdade para criar e escrever” nesses locais, de forma que os artistas que têm origem nesses países “não podem fazer parte desse compartilhamento”. O que ela classifica como uma divisão “geográfica ou econômica, de desigualdade”, e além disso como algo que tende a sugerir “escritas, imagens, significados referentes a essas periferias sob supervisão”. No entanto, por outro lado, ela acredita que esses lugares distantes e todo seu “desconhecido” são importantes para romper com aquilo chamado de “arranjo racional e calculado”<sup>4</sup>.

Assim dizendo, Boni nos explica que se a escrita e a criação da arte são de fato algo que atravessa línguas, existe, no entanto, um tipo de imposição referente a escrever em países que são ex-colônias, já que há sempre implicações em escrever, pois existem preceitos e padrões a serem seguidos, de uma forma ou de outra. Mas ao mesmo tempo, a melhor maneira de resistência é a partir desses movimentos de criação, visto que toda a literatura e as vivências singulares que esses lugares têm a oferecer são a contraposição de todas as inferências intencionais do processo de colonização. Ou seja, escrever para esses autores é uma maneira de utilizar vozes marginalizadas, apagadas ao longo do tempo, em razão da influência da colonização francesa e de suas resultantes imposições socioculturais, para então protagonizar a voz do colonizado.

Aquilo que Boni vai definir como a “geografia do compartilhamento de lugares e de partes” nos leva ao que ela chama de uma “situação de dominação”, dominação dessas literaturas que são encontradas nas margens das culturas hegemônicas, que estão sempre “sob tutela” destas, ou dizendo de outra forma, “sob sua supervisão” (p. 47)<sup>5</sup>. Ou seja, tornando-as literaturas que estão sempre dependentes de outras condições e atreladas aos

---

<sup>3</sup> Texto original: “L’écriture comme viatique et traversée des langues” (BONI, 2009, p. 44)

<sup>4</sup> Original: “Or je parle précisément de la vie artistique et littéraire liée à la construction de « marges du monde ». Je parle aussi de l’entrée en art dans ces lieux toujours sous tutelle. Comme si la liberté d’écrire et de créer n’existait pas ; comme si les artistes en provenance de ces pays ne devaient pas prendre part à ce partage qui, à mon sens, n’est point division géographique ou économique, inégalité donc, mais plutôt propositions d’écritures, d’images, de sens renvoyant à ces périphéries sous tutelle. Pourtant, j’ose le croire, c’est de ces lointains ou de ces confins qui restent largement méconnus que circulent des poches d’air, des souffles inédits parfois inaudibles, des accents étrangers susceptibles de rompre avec l’arrangement rationnel ou calculé (...)” (BONI, 2009, p. 44-45)

<sup>5</sup> “La géographie du partage des places et des parts met donc en exergue une situation de domination dans laquelle se trouve cette littérature des marges, toujours mineure pense-t-on, non émancipée, sous tutelle; les conditions de la création et de la réception des textes littéraires dépendent finalement de la langue d’écriture (le français, l’anglais, le portugais, etc.)” (BONI, 2009, p. 47)

centros dominantes que escolhem e demarcam o que é criação, o que é arte e quais são seus parâmetros de recepção. Logo, é o que podemos considerar como uma descolonização que não foi total e cujas consequências ainda se sentem, até no âmbito da arte e da língua, assim sempre colocando a margem e subalternizando essas literaturas.

Tratando-se da questão de subalternização das literaturas, é importante evocar o conceito de “subalterno” desenvolvido por Gayatri Chakravorty Spivak no livro *Pode um subalterno falar?* (2010). Spivak vai definir como subalterno aquele pertencente:

(...) às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.<sup>6</sup> (2010, p. 12)

Podemos relacionar esse conceito com a posição em que se encontram os autores de literatura africana que vivem em ex-colônias, uma vez que são colocados à margem da sociedade e excluídos. No mais, no caso da autora aqui analisada, ainda há a questão de ela ser do gênero feminino, fato que já traz mais dificuldades na propagação da sua literatura, posto que é determinado ao gênero feminino, com ainda mais austeridade, a situação da marginalidade e da subalternização. Assim como menciona Spivak: “a mulher como subalterna não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir.” (2010, p.15)

Em relação à condição de não apenas ser do gênero feminino, mas ser “pobre, negra e mulher” (2010, p. 85), Spivak considera que, inevitavelmente, essa mulher pobre e negra está dentro de todas as três categorias que vão levá-la a ser classificada como “subalterna” e que vão então fazê-la permanecer no lugar determinado para ela pela sociedade, local periférico e marginal.

No entanto, levando essa discussão para a questão do contexto pós-colonial, Spivak menciona também que “a condição de ser ‘negra’ ou ‘de cor’ perde o significado persuasivo” (2010, p. 85), dado que o sujeito colonizador nesse contexto já automaticamente separa os colonizadores dos colonizados, excluindo assim os que estão nas margens. Nesse caso, “a analogia da consciência de classe, mais do que a consciência de raça nessa área, parece ser histórica, disciplinar” (2010, p. 85).

---

<sup>6</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

É importante apontar e entender também a tendência dos colonizadores de reescreverem a história a partir de seus pontos de vista. Logo, quando um autor africano tenta reescrever a história pelo seu ponto de vista, a literatura pode se tornar um ato de resistência em relação ao apagamento de sua memória, de sua identidade, dando voz aos subalternos que foram calados.

Quanto à literatura de autores africanos estar marginalizada em relação à literatura francesa, é interessante ressaltar o que dizem Gilles Deleuze e Félix Guattari em sua obra *Kafka: para uma literatura menor* (1975). Os autores utilizam o conceito de "literatura menor", que definem nos seguintes termos: “uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE & GUATTARI, 2003, p. 38).

Deleuze e Guattari vão destacar três características importantes da "literatura menor". A primeira delas é referente à "desterritorialização": a "desterritorialização de uma língua" significa o processo através do qual uma língua passa a ser utilizada por um grupo de pessoas de maneira diferente daquela como era usada por outro específico grupo, com todas as suas preceitos e finalidades. Dessa forma, há um então um deslocamento da língua, agora usada por outros grupos e com outras funções, tornando-se, assim, uma "língua desterritorializada, conveniente a estranhos usos menores" (2003, p. 39).

A segunda característica das literaturas menores "é que nelas tudo é político" (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 39). Aqui os autores explicitam que, tratando-se das literaturas menores, todos os casos individuais passam a ser inevitavelmente ligados à política. Portanto, nesse tipo de literatura, é impossível separar os casos individuais dos meios sociais e contextos políticos em que eles se encontram.

A terceira característica da literatura menor "é que tudo toma um valor coletivo" (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p. 40). Isto posto, entende-se que nesse contexto de escrita, quando tudo que o autor escreve é necessariamente político, a literatura acaba tendo uma "função de enunciação coletiva e mesmo revolucionária" (2003, p. 40). Ou seja, aqui o autor se torna aquele que tem o papel de expressar a condição em que se situa a sua comunidade específica por meio da sua literatura.

Boni considera, portanto, que existe uma grande “riqueza sensível a se explorar” por meio da expressão da arte e escrita, que cada indivíduo exprime de acordo com o

lugar onde vive, ainda que em “países dominados de uma forma ou outra”<sup>7</sup>. Segundo Boni, existem barreiras que, quando atravessadas, permitem que as obras se espalhem pelo mundo, obras que vão levar consigo sentimento de “relações de dominância” carregando consigo todos aqueles traços de “violências históricas” e “as novas violências pós-coloniais”. Ela então considera que essas subjetividades expressam por meio da arte toda uma “memória de dor”, que será colocada em conflito com o que ela chamou de “a urgência de existir como ser humano e escritor”<sup>8</sup>.

Novamente atentando-se à questão da língua de escrita, Boni considera que essa é “uma outra urgência que se deve confrontar, porque em toda língua se exprime uma parte da identidade individual que liga um indivíduo a um grupo”<sup>9</sup>. Logo, quando o autor africano vê como necessidade escrever em uma língua que não é a sua própria língua, ele pode se afastar de um aspecto fundamental da constituição de sua identidade, problemática que nos leva ao questionamento de Boni aqui colocado: “como escrever em uma outra língua que não seja a sua sem ser privado de si mesmo, de sua identidade, de seus valores?”<sup>10</sup>

Boni diz que a “francofonia cultural e linguística” à qual os autores africanos são submetidos é “multifacetada”. E apesar dessa língua de escrita (a língua francesa) ser compartilhada com diversos outros autores de outros países e continentes, as relações dos autores africanos com essa língua é a de “urgência”<sup>11</sup>, quando já não há outras alternativas, isto é, no momento em que já não há outras maneiras de conseguir ser lido e

---

<sup>7</sup> Original: “Il y a, en effet, toute une richesse du sensible à explorer à partir des créations venant de loin et paradoxalement de si près, rapportée par ces individualités qui s’expriment par la création artistique et par l’écriture, là où elles vivent, dans leurs pays encore dominés sous une forme ou sous une autre.” (BONI, 2009, p. 45)

<sup>8</sup> Original: “Seules les mémoires gardent encore les traces des violences historiques et des nouvelles violences liées aux situations postcoloniales. Or, en art et en littérature, les individualités dont je parle sont des subjectivités à la mémoire blessée, confrontées à ce que j’appellerai l’urgence d’exister en tant qu’être humain et artiste ou écrivain.” (BONI, 2009, p. 45)

<sup>9</sup> Original: “Très vite se pose la question de la langue d’écriture, autre urgence qu’il faut affronter car dans toute langue s’exprime une part d’identité individuelle qui lie l’individu à un groupe.” (BONI, 2009, p. 45)

<sup>10</sup> Original: “Comment écrire dans une langue autre que la sienne sans être dépossédé de soi, de ses identités, de ses valeurs ?” (BONI, 2009, p. 46)

<sup>11</sup> Original: “La francophonie culturelle et linguistique à laquelle appartiennent les écrivains africains est multiforme, car ils partagent une langue d’écriture avec les écrivains de France, de Suisse, de Wallonie, du Québec. Or chaque francophone ne vit-il pas son rapport à la langue d’écriture différemment ? Il m’apparaît que ceux d’Afrique l’utilisent dans l’urgence, lorsqu’ils ne peuvent pas faire autrement.” (BONI, 2009, p. 47)

ter sua voz escutada, quando então se faz necessário escrever nessa língua, pela imprescindibilidade de chegar em outros lugares e outras pessoas.

Como já mencionado anteriormente, a necessidade de escrever em língua francesa por parte de autores africanos é mais um dos resultados dessas inferências culturais da França. No entanto, se essa “língua de poder”, nesse caso a língua francesa, exige desses autores uma literatura francófona para que ela possa de alguma forma ter alcance e ser lida, esta ainda assim esbarra em obstáculos, como as margens e os parâmetros impostos pelas culturas hegemônicas, que vão “diminuir” essa literatura aos olhos dos franceses, e também do mundo. Logo, as literaturas africanas francófonas diante de literaturas de autores franceses vão ser muitas vezes deixadas de lado.

Boni vai definir o caminho dessa escrita entre o idioma oficial e as outras línguas do autor como uma “encruzilhada”. Considerando então que essas línguas de certa forma “perseguem” os autores, já que estão atreladas a suas identidades de maneira intrínseca, uma vez que o autor carrega em sua escrita, independente da língua em que estiver escrevendo, toda a sua memória histórica e cultural. Línguas que como ela define “irrigam palavras e frases, colore histórias que queremos contar”<sup>12</sup>.

Com base nisso, uma vez que há essa insurgência de multiplicidades no processo de escrita, múltiplas línguas, ou, como diz Boni, “múltiplas identidades que emergem em cada página que escrevemos”<sup>13</sup>, pode-se considerar que há um conflito interno nesse caminho de escrita que procura compartilhar experiências por meio de uma outra língua.

Boni coloca para nós um pensamento pertinente e muito interessante, relacionado à denominação dessas literaturas como “francófonas”. Segundo ela, isso é novamente referente àqueles que demarcam os limites e as margens da arte, aqueles já referidos como “os grandes centros de decisões, de compartilhamento”. Ela menciona que aqueles que chama de “artistas e escritores da margem do mundo” são identificados a partir do lugar onde eles permanecem, ou seja, escritores franceses não são classificados como “francófonos”, pois considera que eles já são franceses e então tudo já é “matéria de

---

<sup>12</sup> Original: “L’urgence de l’écriture comme viatique étant ainsi liée à la langue d’écriture, comment habiter sans conflit cet intervalle entre des langues très éloignées les unes des autres, ce carrefour entre la langue officielle comme langue d’écriture et d’autres langues qui nous hantent et qui continuent d’irriguer les mots et les phrases, de colorer les histoires que l’on veut raconter ?” (BONI, 2009, p. 46-47)

<sup>13</sup> Original: “Les difficultés du partage sont alors d’abord intérieures. Elles se manifestent sous forme de conflits liés à la présence des multiples identités qui affluent à chaque page que nous écrivons, à chaque image que nous faisons naître.” (BONI, 2009, p. 47)



compartilhamento francófono”<sup>14</sup>. No entanto, quando se trata dos autores das ex-colônias francesas africanas, utiliza-se a nomenclatura “francófonos” para designar suas obras, pois subentende-se que essa é a língua utilizada somente na sua escrita.

Boni atenta também para a “hierarquia das línguas faladas no mundo”, e que o uso da língua inglesa de certa forma supera o uso da francesa, logo, temos aí um problema que coloca a literatura africana francófona ainda mais inferiorizada. Já que além da língua francesa não ser a língua mais usada em um âmbito global, esse tipo de literatura ainda passa por essa hierarquia interior, que “danifica duas vezes” a literatura francófona vinda da África. Além do risco de restringi-las somente ao “círculo da francofonia”<sup>15</sup>, a não ser que passem pelo processo de tradução para outras línguas.

Todavia, segundo Boni, escritores que surgem a partir dessa condição de viverem em países “sob tutela” e em ex-colônias tendem a escrever suas experiências com uma atenção particular a questões como “a resistência ao tempo, aos poderes e aos acontecimentos”<sup>16</sup>, ou seja, temos aqui a escrita de “urgência”, a escrita que acontece em meio a todos esses conflitos.

Essa escrita africana, chamada por Boni de “escrita de urgência”, está atrelada não só à urgência de ser lido, mesmo que em outra língua, mas também à urgência de escrever. Uma vez que a escrita aqui tem como papel não só escrever sobre a expressão da vida, mas também sobre a expressão da morte. São escritas que estão fortemente atreladas à necessidade de escrever correndo, de maneira verdadeiramente urgente, em relação ao poder, ao tempo e aos acontecimentos.

---

<sup>14</sup> Original: “Ces difficultés sont aussi externes, liées aux systèmes qui gouvernent ce partage du sensible. Les artistes et les écrivains des marges du monde sont souvent identifiés aux lieux où ils demeurent. Ceux-ci peuvent être des ghettos, comme on le voit en littérature, par exemple à Paris, capitale où tout semble se jouer en matière de partage francophone. De toute évidence, les écrivains français ne sont classés « francophones » ni par les critiques ni par le grand public. On sait, en effet, que les écrivains des ex-colonies françaises sont « francophones » parce qu’ils utilisent la langue française comme langue d’écriture.” (BONI, 2009, p. 47)

<sup>15</sup> Original: “Cependant, pour les francophones, une autre hiérarchie aggrave cette invisibilité dans laquelle ils se trouvent. Il existe, en effet, une hiérarchie des langues parlées dans le monde et l’anglais l’emporte largement face au français. Ainsi, la littérature africaine francophone se trouve doublement mise à mal. Écrire en français, quand on est francophone venant d’Afrique, c’est prendre le risque de circuler en vase clos à l’intérieur de la « francophonie », sauf en cas de traduction en anglais et/ou dans d’autres langues occidentales.” (BONI, 2009, p. 47)

<sup>16</sup> Original: “Et pourtant, c’est peut-être dans les marges du monde, dans des pays anciennement colonisés et à plusieurs égards encore sous tutelle, qu’apparaissent des expériences d’artistes et d’écrivains dignes d’intérêt. Ces expériences concernent notamment la résistance au temps, aux pouvoirs et aux événements.” (BONI, 2009, p. 48)

Desse modo, depreende-se que “acontecimentos” é tudo aquilo que “nos esmaga”, logo, temos aqui a representação do “poder”, que coloca algo, ou alguém, como maior e mais forte que o outro. E o “tempo” se revela “insuficiente para contar uma experiência vital”, pois nunca será possível dizer tudo que se encontra na “memória individual”<sup>17</sup>.

Assim, novamente, trata-se de uma escrita “urgente”, pois há, de fato, essa pressa, essa urgência, já que cada minuto e cada acontecimento contam para aquelas vidas. Assim, como afirma Boni:

Ora, a literatura, o que quer que possamos dizer dela, ainda está ligada, nessas margens do mundo, ao tempo vivido, à história, à memória, à geografia. Mas ela ainda é uma página específica, escrita em situação de urgência por um escritor que compartilha com o leitor sua singularidade e que possui apenas palavras indizíveis para expressar sua humanidade. Portanto, talvez seja necessário que o autor que procura essas palavras que, em situações indizíveis, abandonam o homem, seja um tanto adivinho, profeta ou até mesmo divino<sup>18</sup>.

De acordo com Boni, no caso das literaturas africanas, “escrever nessas condições morais, políticas e econômicas tão difíceis”<sup>19</sup> é uma maneira de transpassar as margens do mundo, é uma forma de utilizar a literatura para atravessar essas fronteiras previamente estabelecidas. Portanto, segundo Boni, diferentemente da literatura que é feita em um contexto de “tempo de lazer dos intelectuais” (Aristóteles), a literatura africana surge em um contexto de urgência face às adversidades da vida cotidiana:

Essa literatura invisível, como se deve entender, é estritamente falando de urgência. Ela surge neste tempo que é precisamente a falta de tempo, de lazer. Aristóteles pensava que o lazer (que é também o tempo dos estudos intelectuais) não pertencia ao artesão, muito menos ao escravo voltado para o trabalho, aquele que carece de opções, confrontado com as necessidades da vida. Nos países africanos, as necessidades da vida são uma realidade. Como se entregar à arte ou

---

<sup>17</sup> Original: “« Événements » signifie ce qui arrive et nous écrase, ce que l’homme fait à l’homme – jamais représenté comme son semblable. Ainsi, le mot « événements » est-il aussi un autre nom de l’urgence, ce temps très court, insuffisant pour raconter une expérience vitale, pour écrire ou dire ce qui ne peut être dit et qui reste gravé à l’arrière fond de la mémoire individuelle. Dans l’urgence, il n’y a pas de situation ordinaire. Le temps est compté, mais personne n’en connaît la mesure, personne ne sait combien de jours, combien d’heures ou de minutes.” (BONI, 2009, p. 48)

<sup>18</sup> Original: “Or la littérature, quoi qu’on puisse en dire, est encore liée, dans ces marges du monde, au temps vécu, à l’histoire, à la mémoire, à la géographie. Mais elle est toujours une page particulière, écrite en situation d’urgence par un écrivain qui fait part au lecteur de sa singularité et qui n’a que des mots indicibles pour exprimer son humanité. Par conséquent, peut-être faut-il que l’auteur qui cherche ces mots qui, dans les situations innommables, abandonnent les êtres humains, soit quelque peu devin, prophète ou même divin.” (BONI, 2009, p. 49)

<sup>19</sup> Original: “Écrire dans des conditions morales, politiques, économiques et sociales aussi difficiles, c’est s’engager à lutter contre ces portions congrues et ces places invisibles réparties dans les marges du monde.” (BONI, 2009, p. 49)

à escrita quando os problemas de sobrevivência (comida, abrigo, tratamento, educação, etc.) aparecem de forma aguda?<sup>20</sup>

A literatura africana surge em um contexto de necessidade, de “urgência” mesmo, pois há uma “urgência da rotina”, visto que todos os problemas como guerra, morte, fome fazem parte da própria “vida cotidiana sem brilho”<sup>21</sup>, isto é, uma “escrita de urgência” que também é uma escrita de resistência. Como explicita Boni:

A urgência está longe de ser o momento de esperar, mas, por mais paradoxal que possa parecer, é como se, dessa consciência da urgência em que vivemos, emergisse o melhor por vir. Essa abertura leva a uma atitude de resistência, experimentada com todos os seus riscos e provações. Pois perseverar em seu ser apesar de todos os tipos de adversidades, lutar contra as forças destrutivas de sua cultura e ambiente, enquanto se abre para a alteridade, não é evidente.<sup>22</sup>

Contudo, a discussão sobre a escrita presente nessa “vida cotidiana sem brilho” sendo usada como escrita de resistência será retomada na análise dos poemas que traduzirei para poder exemplificar e elucidar essa questão.

## 2.2. O papel da tradução e suas dificuldades

A partir dos conceitos apresentados na seção anterior, é possível pontuar que se consegue enxergar esses aspectos no texto do livro que aqui será analisado. Visto que, por ser um texto de uma autora francófona da Costa do Marfim, encontraremos toda essa questão de choques culturais, e, por outro lado, logo teremos também o entrelaçamento das culturas aqui em confronto. E com isso, chega-se também às dificuldades de tradução, que, nesse caso, passam especialmente pela transposição de todos esses conflitos e inferências para uma outra cultura.

---

<sup>20</sup> Original: “Cette littérature invisible, on l’aura compris, est à proprement parler celle de l’urgence. Elle surgit dans ce temps qui est précisément le manque de temps, de loisir. Aristote pensait que le loisir (qui est aussi le temps des études intellectuelles) n’appartient pas à l’artisan, encore moins à l’esclave rivé au travail, celui auquel les choix font défaut, confronté aux nécessités de la vie. Dans les pays africains, les nécessités de la vie sont une réalité. Comment s’adonner à l’art ou à une activité d’écriture quand les problèmes de survie (se nourrir, se loger, se soigner, s’éduquer...), se posent avec acuité?” (BONI, 2009, p. 49-50)

<sup>21</sup> Original: “L’urgence ici, à supposer qu’elle ne soit pas celle de la guerre, de la mort imminente, des événements, peut être tout à fait ordinaire, c’est-à-dire l’urgence de la routine, de ce temps qui n’est pas une rupture, ni un accident, mais constitue plutôt la substance même de la quotidienneté sans relief.” (BONI, 2009, p. 50)

<sup>22</sup> Original: “L’urgence est loin d’être le temps de l’attente mais, aussi paradoxal que cela puisse paraître, tout se passe comme si, de cette conscience de l’urgence dans laquelle nous vivons, émergeait le meilleur à venir. Cette ouverture conduit à une attitude de résistance, vécue avec tous ses risques et ses épreuves. Car persévérer dans son être malgré toutes sortes d’adversité, lutter contre les forces destructrices de sa culture et de son environnement, tout en s’ouvrant à l’altérité, ne va pas de soi.” (BONI, 2009, p. 50)

Quanto à tradução, algo relevante para nós é que Glissant vai classificá-la como “o indício e a evidência de que temos que conceber em nosso imaginário essa totalidade das línguas” (2005, p. 55). Ou seja, compreende-se que quando passamos um poema da língua de partida para a língua de chegada, precisamos imaginar em mais de uma língua. Isto é, sermos criativos e por meio da experiência de mundo que atravessa as duas línguas, harmonizá-las, assim as conciliando, para então produzir uma tradução mais pertencente a quem lê. Ou seja, produzir uma tradução com elementos característicos das duas línguas e que permita que o leitor possa se sentir próximo da obra e se identificar na mesma no momento da leitura. É necessário fazer isso de forma que não haja o total apagamento da língua de partida e sem que a língua de chegada deixe de se fazer também presente. Ele classifica a “arte da tradução” como “o saber tocar de leve a aproximação (...)” (2005, p. 57).

Indo além de tudo que já foi dito, acho importante realçar os conceitos que Glissant utiliza para falar de cultura e identidade. Ele vai usar as definições presentes em um dos capítulos da obra *Mil Platôs* (1980), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, para “raiz única” e “rizoma: “a raiz única é aquela que mata à sua volta, enquanto o rizoma é raiz que vai ao encontro de outras raízes.” (2005, p. 71). Podemos então voltar à questão dos colonizadores, compreendendo-se que a raiz única é aquela que estaria atrelada à legitimidade aos olhos daqueles que inicialmente impõem os padrões de arte, ou seja, àquele conceito de identidade excludente. Logo, surge daí a necessidade de conquistar e aumentar seu território, buscando colônias que absorvam de forma brutal sua cultura e sua língua.

Penso ser aqui que encontramos a resposta para o a ocultação dos autores francófonos de origem africana, uma vez que os colonizadores franceses sempre tiveram a tendência a excluir mais do que a ir ao encontro de outras raízes. Isto é, ao impor a sua raiz como a única capaz de legitimar experiências, não abrem espaço para troca de experiências.

Uma vez que farei aqui uma tradução comentada de alguns poemas do livro *L'avenir a rendez-vous avec l'aube*, irei mencionar alguns conceitos referentes à tradução. Sabe-se que o livro de Tanella Boni carrega consigo toda uma bagagem cultural e histórica relacionada à Costa do Marfim. Portanto, aí encontramos o questionamento: como fazer uma tradução que seja capaz de transpor toda essa bagagem?

Marcelo Jacques de Moraes, em *Língua contra língua* (2017), comenta em seu trabalho algumas maneiras de enfrentar alguns dos problemas que aparecem na hora de traduzir de uma língua para outra:

E se houver expressões que considero que ninguém utilizaria em minha língua, tento compensar, fazer com que ela as diga de outra maneira, mostro suas possibilidades, seus recursos próprios em relação à língua estrangeira. E nada que uma nota do tradutor não possa resolver. (2017, p. 20)

Moraes também comenta sobre os “fenômenos de interação, apropriação e expropriação linguística” (2017, p. 37), considerando que o contato entre as línguas e culturas nos dias de hoje é inevitável e acontece muito rapidamente, o que impossibilita cada vez mais a ideia de tentar categorizar línguas como pertencentes a uma única nação ou uma única cultura.

De forma que não é mais possível traduzir pensando somente na “língua de partida” e na “língua de chegada”, como se estas fossem apenas duas línguas imutáveis e fixas. É preciso traduzir colocando as línguas em choque, forçando as barreiras entre elas. Choque que nos levará a uma tradução baseada na experiência desse confronto e não a uma simples tradução literal, palavra por palavra, de uma língua para outra.

É preciso então além de achar semelhanças e afinidades entre as línguas, também colocá-las em constante conflito para obtermos uma nova língua específica a partir desse choque. Assim, como afirma Moraes:

(...) a língua de uma tradução não deveria ser uma língua autônoma, pura de si, mas uma língua impura, uma língua híbrida. Uma língua que ainda não existe, uma língua que só vem a ser na experiência da tradução. (2017, p. 40)

A tradução deve ser feita não de maneira a apenas entender o sentido do que um falante de uma língua quer dizer e assim tentar encontrar palavras com sentido aproximado em outra língua. A tradução deve ser feita de forma que em vez de diminuir as diferenças, ela possa potencializá-las entre os falantes de respectivas línguas. Logo, ela precisa caminhar entre as duas línguas e criar um fluxo de troca, que exclua menos e acolha mais os dois lados. Desse modo, “talvez possamos, não tanto derrubar barreiras, mas circular entre elas, multiplicar os fluxos, os lugares e experiências. Da língua, do mundo e de si.” (2017, p. 43)

### **3. BIOGRAFIA E OBRA DE TANELLA BONI**

### 3.1. Sobre a autora

Tanella Boni, nascida em 1954 em Abidjã, na Costa do Marfim, é poetisa, escritora, crítica, romancista e ensaísta e já publicou por volta de 20 livros. Além disso, também é professora de Filosofia na Universidade de Félix Houphouët-Boigny, localizada em sua cidade natal.

Boni concluiu seus estudos na Costa do Marfim e posteriormente foi para a França para continuar seus estudos superiores em filosofia. Ao final dos seus estudos em 1979, ela volta para a Costa do Marfim para trabalhar na Universidade de Abidjã como assistente de filosofia enquanto preparava a sua dissertação de mestrado. Já no ano de 1984, é publicado *Labyrinthe [Labirinto]*, que seria o seu primeiro livro, uma coletânea de poesia lançada em Lomé pela Éditions Akpagnon.

Em 1985, Tanella Boni então voltou à França, em Paris, dessa vez para preparar a sua tese de doutorado em filosofia. Contudo, em meio à escrita de sua tese, ainda em 1985, ela também terminava de escrever seu primeiro romance, *Une vie de crabe [Uma vida de caranguejo]*, que só seria publicado em 1990 pela Nouvelles Éditions Africaines du Sénégal.

Durante o ano de 1992, ainda na França, em Limoges, surge inesperadamente a oportunidade de uma colaboração com a editora Le bruit des autres, e assim Tanella Boni escreve a coletânea de poemas *Grains de sable [Grãos de areia]*, publicada no ano de 1993.

Já no ano de 1995, ela publica, dessa vez em Abidjã, o romance *Les baigneurs du Lac rose [Banhistas do Lago rosa]* pela editora Nouvelles Éditions Ivoiriennes. No ano de 1997, ela lança novamente pela editora Le bruit des autres mais uma coleção de poemas, obra dessa vez chamada *Il n'y a pas de parole heureuse [Não há palavra feliz]*.

Paralelamente à publicação de seus primeiros trabalhos, além de suas atividades como professora e pesquisadora, Tanella Boni foi presidente da Associação de Escritores da Costa do Marfim de 1991 a 1997.

Posteriormente, de 1998 a 2002, Boni foi a organizadora do Festival Internacional de Poesia de Abidjã. Dedicou-se, portanto, por todos esses anos à produção artística e literária na África.

No entanto, devido aos conflitos políticos e guerras civis que ocorreram na Costa do Marfim entre 2002 e 2011, Boni exilou-se temporariamente na França. Durante esse tempo, no ano de 2005, ela foi indicada ao Prêmio Ahmadou Kourouma e assim premiada por seu romance *Matins de couvre-feu [Manhãs de toque de recolher]*, também lançado no ano de 2005.

No ano de 2009, ela foi novamente premiada, dessa vez recebendo o Prêmio Internacional de Poesia Antonio Viccaro. E então, desde 2013, Tanella Boni divide seu tempo entre diversas atividades em Abidjã, na Costa do Marfim, e em Paris, na França.

### **3.2. Alguns temas recorrentes em suas obras**

Desde 1984 até 2021, Tanella Boni escreveu livros de poemas, romances, ensaios, livros infantis e uma biografia, abordando temas como: a questão da mulher, o lugar da África no mundo, a importância da arte e das tradições e também da política de uma forma geral.

Em seu romance premiado de 2005, *Matins de couvre-feu*, Boni escreve uma "ficção" que vai ter como objetivo falar sobre os reais problemas enfrentados em seu país, usando o livro como meio de denunciar as barbáries e desrespeitos sofridos pelos cidadãos da Costa do Marfim, como, por exemplo, a pobreza, a violência, a perseguição e instabilidade política, entre outros. Porém, ela chama o país fictício de Zamba. Como podemos ver então, Boni vai de fato utilizar sua obra para visibilizar os infortúnios de seu povo e também para nomear os responsáveis por toda essa perversidade.

Além disso, no livro há também uma forte presença das figuras femininas e de todas as adversidades vividas por elas, trazendo fortemente a questão do gênero. E claro, fazendo jus ao nome do livro, traz a vivência das manhãs e das noites de toque de recolher enquanto as barbáries causam a morte sem qualquer pudor.

Já em seu ensaio *Que vivent les femmes d'Afrique? [O que vivenciam as mulheres da África?]*, publicado no ano de 2018, Boni irá colocar em contexto atual a situação da mulher africana, comentando as realidades que mais as afetam nos dias de hoje, como, por exemplo, a guerra e a imigração. Tanella Boni apresenta a mulher africana e suas formas de empreendedorismo, seus lugares simbólicos de solidariedade e suas culturas e tradições.

Ademais, considera sempre que o continente africano é um continente vasto, e como ela diz, um continente que deve ser pensado no plural e não no singular, tendo assim uma vasta diversidade de povos, culturas e tradições. Essa obra tem, portanto, como objetivo mostrar uma multiplicidade de mulheres, dando voz às diferentes mulheres africanas que foram silenciadas e denunciando suas diferentes vivências e condições de vida nos dias de hoje.

Em várias entrevistas e palestras, Tanella Boni também fala sobre esses temas relevantes para as suas obras. Em um curto *courier* para a UNESCO, escrito em 2017, intitulado “O poeta no coração da sociedade”, Boni fala um pouco sobre a extrema importância da arte e da cultura para a sociedade e seu progresso.

Nesse sentido, ela escreve que a poesia tem uma certa maneira de nos abrir uns aos outros, mediante os valores e conhecimentos que são passados por meio dela e que contribuem para que possamos compreender o mundo amplamente. Portanto, segundo Boni, a criação artística vai "transcender línguas, crenças e culturas", o que permite que os humanos construam elos a partir dela, e em razão disso "a arte pode ser considerada um dos pilares das humanidades". Dessa maneira, ela comenta sobre a importância dos poetas:

Não existe sociedade sem poetas. Mesmo que o ato de criação seja solitário, os poetas não vivem em uma bolha. Não são eremitas, trancados em torres de marfim, mas criadores de um universo que nos oferecem para ser compartilhado. Seja sua poesia escrita ou cantada, os poetas exercem um papel educacional muito importante.<sup>23</sup> (UNESCO, 2017)

Por fim, ela também comenta que a poesia precisa ser compartilhada, porém de forma sensível, pois é isso que irá nos guiar pela sociedade e garantir que possamos compreender melhor uns aos outros e os acontecimentos do mundo ao nosso redor:

A poesia é feita para ser compartilhada de forma sensível. É assim que ela molda o ser humano, de corpo e alma. Ao seguir os caminhos da emoção, da sensibilidade e da imaginação, ela é um veículo para a transmissão de conhecimento e valores humanos – um sentido de bem e mal, de história, de grandes feitos de homens e mulheres, tradições antigas e relações com a natureza.<sup>24</sup> (UNESCO, 2017)

#### **4. SOBRE O LIVRO *L'AVENIR A RENDEZ-VOUS AVEC L'AUBE***

---

<sup>23</sup> BONI, T. *O poeta no coração da sociedade*. UNESCO, 2017. Disponível em português: <https://pt.unesco.org/courier/julho-setembro-2017/o-poeta-no-coracao-da-sociedade>.

<sup>24</sup> *ibidem*.



*L'avenir a rendez-vous avec l'aube* foi lançado em 2011 e publicado pela editora Vents d'Ailleurs, localizada em La Roque d'Anthéron, uma comuna francesa na região administrativa da Provença-Alpes-Costa Azul, sul da França.

É o único livro de Tanella Boni a ter uma tradução para uma outra língua, sendo esta a língua inglesa. Ele foi traduzido no ano de 2018 por Todd Fredson com o título *The Future Has an Appointment with the Dawn*. Publicado pela editora acadêmica University of Nebraska Press, conta com uma introdução feita por Honorée Fanonne Jeffers.

A título de curiosidade, esse é o único livro de Tanella Boni que encontrei para compra (em moeda brasileira) em uma livraria online do Brasil, disponível tanto em sua versão original em língua francesa, quanto em sua versão traduzida em língua inglesa (ambos em formato e-book). Durante minha pesquisa, cheguei à conclusão de que todos os outros livros da mesma autora só poderiam ser adquiridos no Brasil se fossem comprados em sites estrangeiros e pagos em moedas estrangeiras.

Como consta na página de apresentação do livro, Boni levou dez anos para completar a escrita desta coletânea de poemas. Dez anos escrevendo e falando sobre a violência, a barbárie e a morte na Costa do Marfim, mas também escrevendo sobre esperança e questionando-se como é possível tê-la. Escrevendo sobre o fato do futuro e do poder serem alimentados pela mesma terra nutrida por morte, por dor e pelos laços da vida.

O livro contém duas seções, uma intitulada “Terre d'espérance” e outra “La vie assassinée”. São 21 poemas ao total, onze na primeira seção e dez na segunda seção, respectivamente. Portanto, os poemas são todos numerados e nenhum deles possui título específico.

#### **4.1. Contexto sociopolítico durante o processo de escrita**

Durante o período de 2001-2011 sabe-se que diversos conflitos políticos, militares e civis ocorreram na Costa do Marfim, em meio ao que foi chamado de "Primeira Guerra Civil da Costa do Marfim" (2002-2007) e "Segunda Guerra Civil da Costa do Marfim" (2011).

A Primeira Guerra Civil da Costa do Marfim se dá em um contexto no qual rebeldes armados vindos de Burkina Faso, país localizado ao norte da Costa do Marfim,

invadem a cidade de Abidjã na tentativa de realizar um golpe de Estado. Após isso, mesmo que o golpe não tenha sido bem-sucedido, inicia-se uma guerra entre os rebeldes de Burkina Faso e as forças armadas da Costa do Marfim.

No ano de 2003, acontecem alguns acordos de paz, denominados *Linas-Marcoussis*, que levaram Abidjã a ser dividida em dois: as forças do Norte (rebeldes) e as forças do Sul (governo). Já no ano de 2007, o então presidente da Costa do Marfim, Laurent Gbagbo, iniciou negociações diretas com os rebeldes e surgiram os acordos de *Ouagadougou*. Nesses acordos, promete-se a reunificação do país e organização de eleições democráticas e transparentes. Termina assim a Primeira Guerra Civil em 4 de março de 2007.

Em 2010, o presidente Laurent Gbagbo, anunciou a realização das eleições presidenciais, que ocorreram em outubro de 2010. O segundo turno das eleições presidenciais teve dois resultados, um que anunciava o candidato Alassane Ouattara como vencedor e outro que anunciava o então presidente Gbagbo como vitorioso. Dessa maneira, a ONU e a comunidade internacional interferem e confirmam Alassane Ouattara como eleito.

A partir disso, cada candidato decide então tomar posse e formar seu próprio governo. Conseqüentemente, surgirão diversos conflitos e protestos que vão se tornar uma nova guerra civil. Porém, após muitos dias de tensões, no dia 11 de abril de 2011, Laurent Gbagbo foi preso, encerrando-se assim a Segunda Guerra Civil da Costa do Marfim.

Entende-se então aqui a necessidade de todo esse contexto histórico para melhor leitura do livro de Tanella Boni, uma vez que é um livro que tem como foco a morte e a dor causadas por uma década de conflitos sangrentos que levaram a Costa do Marfim a uma grande crise, além de instaurar medo na população. Dessa forma, Tanella Boni escreve seu livro de maneira a pensar em como ter esperança em uma terra que passou por tantas adversidades, mas não deixando de acreditar em um novo futuro.

## **5. TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS**

### **5.1. Justificativa da escolha dos poemas**

Primeiramente, dentre os 21 poemas presentes no livro, escolhi sete que achei que pudessem representar de forma concisa o conteúdo do livro e assim dar um panorama geral dos temas presentes na escrita de Tanella Boni.

Os poemas selecionados trazem questões e temas como a ancestralidade, o apagamento da história, situações pontuais do contexto sociopolítico marfinense, reflexões sobre a vida e a morte no contexto de guerra, ponderações sobre aqueles que estão no poder e trazem consigo a destruição e o caos, além de apresentar várias referências à França e aos efeitos de sua colonização ao longo do tempo.

## 5.2. Tradução dos poemas e comentários

Os poemas selecionados do livro *L'avenir a rendez-vous avec l'aube* estarão dispostos lado a lado a fim de facilitar a leitura nas duas línguas e a análise da tradução, acompanhados de uma pequena justificativa e de comentários sobre o contexto de escrita.

### SEÇÃO 1: TERRE D'ESPÉRANCE [TERRA DE ESPERANÇA]

#### POEMA III:

Original: Tanella Boni	Tradução: Andressa Bral Chaves
Nos pas délurés réveillent les ancêtres assoupis à l'ombre de la peur qui chemine au soleil levant	Nossos passos ousados despertam os ancestrais adormecidos na sombra do pavor que caminha sob o sol nascente
l'histoire sommeille encore dans le lit du premier mot d'amour qui viendra nous sauver du chaos ouvert sous nos pas de sable mouvant le premier mot d'amour bleu	a história dorme ainda no leito da primeira palavra de amor que virá nos salvar do caos aberto sob nossos passos de areia movediça a primeira palavra de amor azul
que nous attendons les mains fébriles le visage offert au vent au soleil les yeux lourds de pluie	que nós esperamos com as mãos febris o rosto oferecido ao vento ao sol os olhos pesados de chuva
le jour a semé la parole de l'hyène dans la ville la nuit la parole de l'hyène qui terrorise à mots nus	o dia semeou a fala da hiena na cidade à noite a fala da hiena que aterroriza com palavras nuas
Humains sommes-nous dites-vous	Humanos nós somos, dizem vocês habitando a terra dos selvagens

<p>habitant la terre des fauves par-delà fleuves et grottes forêts et savanes demain l'avenir a rendez-vous avec l'aube et personne n' imagine les passeurs du voyage</p> <p>Architectes de frontières intouchables et traceurs de couleurs imprévues ont ouvert les sentiers de la mort leurs mots à mille sens trempent l'âme du discours politique dans la boîte à soupçons qu'ils nomment puits-à-sciences-nouvelles</p> <p>qui croira encore que l'esprit est droit et travailleur que la raison instruite pense et métamorphose la vie en un îlot de bonheur</p> <p>Et je regarde la prunelle de vos yeux du jour elle est voile et silence rivée à la terre des origines elle ne dit mot de la trame de l'ombre arc-en-ciel</p> <p>vous construisez le puzzle de la cité modèle dites-vous sur le sable inconnu des anciens déjà tombe la nuit en plein jour et votre sourire fait la différence entre le clair de lune et le rayon de soleil</p> <p>le ciel offensé file un mauvais coton cette nuit tombent des cordes de haine sur la toile Espérance</p> <p>une perle d'argent plombe l'aile du temps</p> <p>Souriez thésaurisez le temps qui vient le vent a un sens le tourbillon aussi souriez au temps trésor qui garde la vie neuve à l'abri de l'œil du cyclone mais il y a plus fort que le vent plus riche plus puissant</p>	<p>para além de rios e grutas florestas e savanas amanhã o futuro tem um encontro com o amanhecer e ninguém imagina os condutores da viagem</p> <p>Arquitetos de fronteiras intocáveis e traçadores de cores imprevisas abriram os sentidos para as trilhas da morte suas palavras com mil sentidos mergulham a alma do discurso político na caixa de suspeições que eles chamam poços-de-ciências-novas</p> <p>quem ainda vai acreditar que a alma é direita e trabalhadora que a razão instruída pensa e metamorfoseia a vida em uma ilha de felicidade</p> <p>E eu olho a pupila dos seus olhos do dia ela é véu e silêncio presa na terra das origens ela não diz nada da trama da sombra arco-íris</p> <p>you monta o quebra-cabeça da cidade modelo dizem vocês na areia desconhecida dos antigos já cai a noite em pleno dia e seu sorriso faz a diferença entre o brilho da lua e o raio de sol</p> <p>o céu ofendido fia um algodão ruim esta noite caem cordas de ódio na tela da Esperança</p> <p>uma pérola de prata chumba as asas do tempo</p> <p>Sorria e entesoure o tempo que vem o vento tem sentido o turbilhão também sorria ao tempo tesouro que guarda a vida nova em abrigo no olho do furacão tem coisa mais forte que o vento mais rica, mais potente</p> <p>a morte espera</p>
---	--

la mort attend le tribut de chaque main criminelle posée à gauche du cœur noyant des valeurs de gauche entre vos mots de miel et votre glaive de sang	o tributo de cada mão criminosa posta à esquerda do coração afogando valores à esquerda entre suas palavras de mel e seu gládio de sangue
--	---

O poema III da primeira seção foi escolhido porque os primeiros versos me passaram a sensação do “despertar” da ancestralidade (ideia de recuperação da história, do passado apagado): “Nossos passos ousados despertam / os ancestrais adormecidos / na sombra do pavor / que caminha sob o sol nascente”. Essa ideia acompanha o processo de leitura do livro, assim como a história da Costa do Marfim e seu contexto sociopolítico.

Esse poema vai evocar muitos elementos da natureza como, por exemplo, o amanhecer, o sol, a chuva, a lua, o céu, um arco-íris, a noite, o dia, a terra, os rios, entre outros. Trata-se, então, de um poema que ilustra um mundo e suas alegorias, parecendo até mesmo um pouco fantasioso, indo de encontro ao contexto de guerra e caos que predomina no país.

Além disso, esse também é o primeiro poema do livro, com menção direta ao seu título, *l’avenir a rendez-vous avec l’aube*, logo, achei de extrema importância não o deixar de fora dessa seleção.

#### POEMA X:

Dis-moi comment ensementer les rêves les plus fous quand les corps habillés s’allient aux forces des ténèbres pour briser les ailes du vent	Diga-me como semear os sonhos mais loucos quando os corpos vestidos se aliam às forças das trevas para quebrar as asas do vento
dis-moi que le soleil était trop beau pour un Noël comme tous les autres	diga-me que o sol estava lindo demais para um Natal como todos os outros
le siècle ne finissait pas encore et l’avenir ne respirait plus	o século ainda não terminava e o futuro não respirava mais
La prière du jour donne en offrande la sinistre litanie qui rappelle le voile du complot comme si l’Afrique ne pouvait imaginer	A prece diária dá como oferenda a sinistra litania que lembra o véu do complô como se a África não pudesse imaginar

<p>un bouc émissaire plus puissant qui prenne en otage l'imagerie populaire</p> <p>aujourd'hui reste bas le ciel et le mot prête à rire qui de syllabes neuves endosse la couleur à chaque saison</p> <p>Hier c'était un chat noir aujourd'hui un cheval blanc puis une Mercedes noire car le Mal inaugure la première pierre de son royaume souterrain entre le blanc et le noir seul le sol de la chasse à l'homme emprunte l'encens du tapis rouge</p> <p>Pourtant nous avons chanté en chœur l'espérance artiste aux mains arc-en-ciel</p> <p>quand monte la fièvre de la chasse à l'homme le passé a la vue courte et l'avenir rêve à l'épreuve du crépuscule</p> <p>Les esprits chagrins s'envolent en essaims d'abeilles habillées de lettres et chiffres éclopés froissés meurtris ou entiers</p> <p>ici égrène-t-on années de prison là tortures morales endurées entre les murs de la clandestinité aujourd'hui toutes lettres de noblesse réunies au grand jour on laboure un jardin d'Eden à planter fleur à fleur sur un terreau neuf couleur de sang</p>	<p>um bode expiatório mais potente que faz de refém o imaginário popular</p> <p>hoje continua baixo o céu e a palavra pronta para rir que com novas sílabas endossa a cor a cada estação</p> <p>Ontem era um gato preto hoje um cavalo branco depois uma Mercedes preta porque o Mal atira a primeira pedra de seu reino subterrâneo entre o branco e o preto somente o solo da caça ao homem pega emprestado o incenso do tapete vermelho</p> <p>Ainda assim tínhamos cantado em coro a esperança artista com mãos de arco-íris</p> <p>quando sobe a febre da caça ao homem o passado tem visão curta e o futuro sonha com a prova do crepúsculo</p> <p>Os espíritos tristes voam em enxames de abelha vestidos de letras e números estropiados amassados dilacerados ou inteiros</p> <p>aqui se desfiam anos de prisão ali torturas morais suportadas entre os muros da clandestinidade hoje todas as cartas da nobreza reunidas às claras lavramos um jardim do Éden plantando flor por flor em um novo solo cor de sangue</p>
--	---

O poema X da primeira seção foi selecionado por ser pontual, em especial no verso “Diga-me que o sol estava lindo demais / para um Natal como todos os outros”, já que quando se fala da guerra, tendemos a pensar nela de uma maneira geral e não de uma maneira presente no dia a dia, e de fato todos os dias. Nesse momento, me chama a atenção a referência a uma data como o natal, uma vez que é uma data que no imaginário

coletivo está sempre relacionada a festividades, a fartura e a acontecimentos agradáveis, e claro, até mesmo ao sagrado.

No entanto, aqui nesse contexto vemos um natal diferente, destruído e desafortunado – diferente, portanto, de “todos os outros” - em um poema que carrega palavras pesadas como “estropiados”, “amassados” e “dilacerados” e até mesmo a frase final do poema “em um novo solo cor de sangue”.

Além disso, o natal citado por Tanella Boni nessa passagem é provavelmente o natal de 1999, quando houve um golpe de Estado no dia 24 de dezembro. Como consequência desse golpe de Estado, o contexto sociopolítico do país e as suas tensões começam a encaminhar a Costa do Marfim para o início de sua primeira guerra civil iniciada em 2002.

#### POEMA XI:

<p>Il y a des têtes pleines          sommeillant dans les allées du pouvoir          où trouver le sens de l’histoire          qui trace le cercle          autour du même ombilic          comme si personne d’autre          hormis les locataires du Palais          n’était né à l’ombre du soleil</p>	<p>Existem cabeças cheias          Cochilando nas alamedas do poder          onde encontrar o sentido da história          que traça o círculo          em torno do próprio umbigo          como se ninguém mais          a não ser os locatários do Palácio          tivesse nascido à sombra do sol</p>
<p>Ils contaient l’histoire du peuple          innocent en toute chose          qui se laisserait porter dès l’aube          sur les palmes de l’espérance</p>	<p>Eles contavam a história do povo          inocente em todas as coisas          que se deixaria levar desde o amanhecer          nas palmas da esperança</p>
<p>ici s’érige en droit la paresse          accrochés des hamacs au bureau          dans l’antichambre du repos          là où jadis le travail édictait la Loi</p>	<p>aqui se ergue por direito a preguiça          enganchadas as redes no gabinete          na antecâmara do repouso          ali onde outrora o trabalho ditava a Lei</p>
<p>Dans quels bas-fonds          sommes-nous donc tombés          quels enfers à traverser de l’aube à midi          dans quelles poubelles abandonnées          les valeurs naguère déclarées d’intérêt          public</p>	<p>Em quais baixios          nós então caímos          que infernos atravessar do amanhecer ao          meio-dia          lixeiras abandonadas          os valores outrora declarados de interesse          público</p>
<p>Les nouveaux messies connectés          en réseaux dalmatiens</p>	<p>Os novos messias conectados</p>

<p>rongent sans art la toile du monde au grand jour leurs armes la parole vide et blanche qui découpe en menus morceaux la culture millénaire dont les pierres broyées en miettes ignées brûlent les liens qui tissent la vie en relief</p> <p>Mon Dieu délivrez-nous des hyènes des têtes fauves des casseurs de rêves car l'éducation n'est pas un piège inventé sur le chemin des pèlerins qui brisent les fondations maintenant je sais qu'elle tresse la grandeur d'âme et l'auréole de la sincérité le lien fondateur qui nous rassemble autour de la source Amitié</p> <p>Comment te dire que le jour tombe en poussières de larmes pluies car manque à l'appel sur les cimes du pouvoir le mot-clé accordéon</p> <p>demain l'avenir a rendez-vous avec l'aube et je ne sais quel enfant terrible étonné par la clarté de l'aurore jettera la première pierre dans le ravin qui cerne le pouvoir</p>	<p>em redes dalmacianas roem sem arte a tela do mundo em plena luz do dia suas armas a fala vazia e branca que corta em pequenos pedaços a cultura milenar cujas pedras moídas em migalhas ígneas queimam os laços que tecem a vida em relevo</p> <p>Meu Deus livrai-nos das hienas das cabeças selvagens dos ladrões de sonhos pois a educação não é uma cilada inventada no caminho dos peregrinos que destroem as fundações agora eu sei que ela trança a grandeza de alma e o halo da sinceridade o elo fundador que nos reúne em torno da fonte Amizade</p> <p>Como te dizer que o dia cai em poeira de lágrimas chuvas porque está faltando nos cumes do poder a palavra-chave acordeão</p> <p>amanhã o futuro tem um encontro com o amanhecer e eu não sei que criança terrível atônita pela clareza do alvorecer jogará a primeira pedra na ravina que cerca o poder</p>
---	--

O poema XI da primeira seção foi selecionado quando li os versos “onde encontrar o sentido da história / que traça o círculo / em torno do próprio umbigo”, em que Tanella Boni comenta a questão do apagamento da história da Costa do Marfim, o silenciamento da história dos oprimidos, o que se afina diretamente com todo o contexto histórico e cultural que trago para esse trabalho. Aqui ela usa seu poema para justamente falar sobre aqueles que estão no poder, aqueles que ocupam as posições que levam à opressão e à destruição.

No poema ela os chama de “os novos messias” e comenta em alguns dos versos o apagamento da história dos marfinenses: “suas armas a fala vazia e branca / que corta em



pequenos pedaços / a cultura milenar (...). Considerando que os que estão no poder também são os responsáveis por contar a história do povo (“Eles contavam a história do povo”), o que conseqüentemente resulta na invisibilidade desta. Ademais, temos novamente a presença do título do livro *l’avenir a rendez-vous avec l’aube*.

## SEÇÃO 2: LA VIE ASSASSINÉE [A VIDA ASSASSINADA]

### POEMA I:

<p>Né à la lisière des nuages  les gouttes de pluie  t’avaient tressé des lianes en berceau  les djinns t’avaient accompagné  au royaume des arbres  et parmi le vert des feuilles  tu avais entendu</p> <p>il apportera le silence  au village des hommes</p> <p>La mère accueillit l’enfant  comme un hôte de marque  l’enfant reçut en héritage  trois gouttes de citron  sous la langue  lumière du chemin de la voix</p> <p>n’oublie pas de garder les portes du  silence  car tes paroles ne tombent pas du ciel  elles sont grains de sable  saveur de piment fleuve et sel</p> <p>L’aurore aux mains de peintre  dilua sa palette miraculeuse  illumina la porte des nuages  tu avais ouvert les yeux  près des merveilles de la nature  ta peau apprenait les dures lois  de la vie des humains</p> <p>Les contes de la vie  n’étaient ni beaux ni heureux  chemins de labeur  voies de courage odeur de ténacité  les contes de la vie passagère  ajoutèrent</p>	<p>Nascido na orla das nuvens  as gotas de chuva  tinham te traçado lianas em berço  os djinns tinham te acompanhado  ao reino das árvores  e entre os verdes das folhas  tu tinhas ouvido</p> <p>ele trará o silêncio  à aldeia dos homens</p> <p>A mãe acolheu a criança  como um hóspede importante  a criança recebeu de herança  três gotas de limão  sob a língua  luz do caminho da voz</p> <p>não esqueça de vigiar as portas do  silêncio  porque suas palavras não caem do céu  elas são grãos de areia  sabor de pimenta rio e sal</p> <p>O alvorecer nas mãos de pintor  diluiu sua paleta milagrosa  iluminou a porta das nuvens  tu tinhas aberto os olhos  perto das maravilhas da natureza  tua pele aprendeu as duras leis  da vida dos humanos</p> <p>Os contos da vida  não eram nem bonitos nem felizes  caminhos de labor  vias de coragem odor de tenacidade  os contos da vida passageira  adicionaram</p>
--	---

des jours aux heures des jours bâtirent ta peau parmi les rayons de soleil à la lumière de mains neuves	dias às horas dias formaram tua pele dentre os raios de sol à luz de mãos novas
---	---

O poema I da segunda seção foi escolhido justamente considerando o nome da seção em si "A vida assassinada". Esse poema abre a segunda parte do livro falando sobre nascimento ("Nascido na orla das nuvens") e fala sobre uma mãe que acolhe uma criança ("A mãe acolheu a criança / como um hóspede importante"), trazendo toda essa sensação de afeição e amparo do momento do nascimento.

Em contrapartida à ideia do nascimento, são também apresentadas as adversidades da vida dessas crianças que nascem nesse contexto de conflitos e eventualmente compreendem a dificuldade de viver no nosso mundo, governado por força e brutalidade ("tua pele aprendeu as duras leis / da vida dos humanos"). Assim compreendemos que essas crianças são penalizadas a viver de maneira lamentável ("Os contos da vida / não eram bonitos nem felizes"), e têm então, de fato, as suas vidas assassinadas mesmo que ainda tão jovens.

Nesse poema é interessante notar também a presença da palavra "djinns", que poderia ser traduzida como "gênio", palavra essa que é um elemento da religião pré-islâmica e muçulmana. No entanto, aqui optei por não a traduzir, visto que é um traço cultural importante, e sobretudo levei em consideração a escolha de Boni de utilizar *djinns* e não o francês *génie*.

#### POEMA VI:

Tu respiras l'air du pays qui t'avait donné le premier matin du monde le premier mot citronné sous la langue la première pluie la dureté des rues	Respirou ar do país que te deu a primeira manhã do mundo a primeira palavra cítrica sob a língua a primeira chuva a dureza das ruas
tu ne goûtais plus la fraîcheur de l'air les senteurs du vent t'apportaient des effluves de maisons calcinées et les flammes te coulaient comme eau de roche sur la peau	Tu não provou mais do frescor do ar os cheiros do vento traziam os eflúvios de casas carbonizadas e as chamas te percorriam como água de pedra sobre a pele
Car une roue en flammes est caveau idéal aux yeux de ceux qui font la loi	Pois uma roda em chamas é a cova ideal aos olhos de quem faz a lei

par les armes en temps de paix  et ordre est reçu de pacifier le pays et la paix des rues emprunte la voie de la paix lithique des cimetières ô temps suspends ton vol dans l'intervalle entre le temps et l'éternité  les flammes guident les hommes authentiques dans l'accomplissement du geste sacré de purification de la terre	pelas armas em tempos de paz  e ordem é recebida de pacificar o país e a paz das ruas pega a via da paz lítica dos cemitérios ô tempo suspenda teu voo no intervalo entre o tempo e a eternidade  as chamas guiam os homens autênticos no cumprimento do gesto sagrado de purificação da terra
---	---

O poema VI da segunda seção foi selecionado por ser um poema que apresenta algumas vezes palavras do campo semântico do “fogo” e que traz com ele diversas sensações de odor, quando escreve por exemplo: “os cheiros do vento te traziam / os eflúvios de casas carbonizadas”. A meu ver, é um poema que consegue despertar o sentir do calor das chamas e o sentido olfativo das cinzas da destruição no contexto de uma guerra.

Além disso, sua última estrofe é muito chamativa: “as chamas guiam os homens autênticos / no cumprimento do gesto sagrado / de purificação da terra”. Neste ponto é possível entender que aqueles homens que estão no poder, que se escondem atrás de supostos ideais de puritanismo e sacralidade, no entanto, são guiados por chamas que transformam tudo em cinzas e que propagam o cheiro da devastação e suas ruínas.

#### POEMA VIII:

Le père rappelé à l'ordre blessé au flanc par une arme à feu le père roué de coups de mots ignés le père roué le père bastonné le père déchiré de toutes parts Le père entendit entre deux fleuves de colère la voix uniforme en concert avec la voix civile pendant qu'il veillait le fil ténu de la vie du fils	O pai chamado à ordem ferido no flanco por uma arma de fogo o pai espancado por golpes de palavras ígneas o pai espancado o pai esmurrado o pai dilacerado por toda parte O pai escutou entre dois rios de raiva a voz uniforme em concerto com a voz civil enquanto velava o tênue fio da vida do filho
--	--

<p>le père thésaurisant les miettes de sa vie paupières closes entre rigoles de la mort et rivières de la vie le père capta le murmure de l’homme- hyène à l’autre homme le père entendit à achever à l’arme blanche près de la poubelle loin de mes yeux dit la voix d’hyène en sourdine</p> <p>Le père déjà mort dans sa peau d’homme morte la dignité d’homme foulée au pied par les veilleurs de la paix assassinée en plein jour à l’ombre de la haine par les veilleurs de la paix la paix calcinée qui flotte dans l’air du temps</p> <p>le père mort mille fois mort</p>	<p>o pai entesourando as migalhas de sua vida com pálpebras fechadas entre risos da morte e rios da vida o pai captou o murmúrio do homem- hiena para o outro homem o pai escutou a dar cabo com arma branca perto da lixeira longe dos meus olhos diz a voz de hiena em surdina</p> <p>O pai já morto em sua pele de homem morta a dignidade de homem pisoteada pelos soldados da paz assassinada em pleno dia à sombra do ódio pelos soldados da paz a paz calcinada que flutua nos ares do tempo</p> <p>o pai morto mil vezes morto</p>
--	--

O poema VIII do segundo capítulo foi escolhido para essa coletânea primeiramente pela insistente repetição da palavra “pai”. O poema tem bastante sonoridade e exigiu bastante cuidado no processo da tradução, para conseguir passar a mesma força quando em língua portuguesa.

Mas além da questão sonora, também está em jogo uma questão bem individual e pontual, trata-se de um pai que vive em toda essa situação caótica de destruição e guerra, porém aqui, assim como no “natal” citado anteriormente, temos uma situação pontual. Logo, podemos ver aqueles cidadãos como indivíduos, e não somente como um povo em guerra, e assim sentir o sofrimento de um pai que vê seu filho perder a vida e que observa a ruína e a violência ao seu redor (“enquanto ele velava o tênue fio da vida do filho”).

#### POEMA X:

<p>Comment imaginer le mot juste quand l’ordre assassine la vie naissante quand la matraque écrase la dignité humaine</p>	<p>Como imaginar a palavra justa quando a ordem assassina a vida nascente quando o cassetete esmaga a dignidade humana</p>
---	--

détruit la Liberté guidant le peuple	destrói a Liberdade guiando o povo
sur le chemin menant de Scio à Guernica il y a le Rwanda nouveau monstre qui se multiplie à l’envi il y a la Côte d’Ivoire embrasée à mots armés	No caminho levando de Quios a Guernica Tem a Ruanda o novo monstro que se multiplica à vontade Tem a Costa do Marfim flamejante com palavras armadas
Comment dire la beauté du monde quand l’espérance de vie s’effrite comme mille-feuille	Como dizer a beleza do mundo quando a expectativa de vida se desintegra como um mil-folhas
quand la mort n’a plus d’odeur qui se métamorphose en terreau fertile où fleurit le pouvoir	quando a morte não tem mais odor que se metamorfoseia em solo fértil onde o floresce o poder

O poema X do segundo capítulo foi escolhido não somente por ser o último do livro, mas também porque retoma novamente o título da segunda seção (A vida assassinada): “Como imaginar a palavra justa / quando a ordem assassina a vida nascente”.

No mais, esse poema traz uma série de referências a quadros, como por exemplo: “A Liberdade guiando o povo” (1830), de Eugène Delacroix, em comemoração à Revolução de Julho de 1830 na França; “O Massacre de Quios” (1824), também de Delacroix, que retrata o massacre na ilha de Quios durante a guerra de independência da Grécia (1821-1829); e “Guernica” (1937), do espanhol Pablo Picasso, que retrata o bombardeio de Guernica (1937) durante a Guerra Civil espanhola.

E por fim, há também uma referência ao “mil-folhas”, doce típico francês (Como dizer a beleza do mundo / quando a expectativa de vida / se desintegra como um mil-folhas), que nos faz pensar novamente sobre a questão da colonização francesa na Costa do Marfim e seus efeitos ao longo dos anos.

Portanto, esse é um poema que consegue passar de forma rápida e historicamente por guerras, bombardeios e massacres, além de citar os conflitos mais recentes da Costa do Marfim e de Ruanda, assim como a influência francesa nesses países africanos, resumindo bem o tema do livro em si e também o tema deste trabalho.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa monografia foi desenvolvida com o objetivo principal de apresentar a obra da escritora marfinense Tanella Boni, além de trazer uma tradução de alguns de seus poemas presentes no livro *L'avenir a rendez-vous avec l'aube* (2011). Essa tradução foi realizada levando em consideração as questões culturais, sociais, identitárias, políticas e linguísticas da Literatura Africana Francófona, contribuindo assim para os Estudos da Tradução Literária.

Quanto à obra de Tanella Boni, buscou-se divulgá-la no Brasil, visto que não há nenhuma tradução de seus trabalhos para o português. Assim, considera-se que a apresentação dessa obra e seus temas recorrentes podem possivelmente favorecer os estudos da obra de Boni e também favorecer a tradução e publicação da mesma no Brasil, e inclusive de outras obras e autores da Literatura Africana Francófona.

Foi realizado aqui uma pesquisa sobre a autora e os temas recorrentes em suas obras, contextualizando-as de acordo com os aspectos socioculturais e políticos da Costa do Marfim, além da questão da francofonia. Dessa maneira, iniciou-se o processo tradutório dos 7 poemas selecionados, a tradução e seus comentários foram feitos baseados nas questões socioculturais, linguísticas e nos conceitos de tradução apresentados por Glissant (2005) e Moraes (2017).

Sendo assim, foi feita uma tradução considerando a ideia do entrelaçamento de línguas e de culturas, que se aproveita dos fenômenos de interação dos dias de hoje, para então criativamente produzir uma tradução que seja capaz de aproximar-se ao leitor. Logo, não somente traduzindo palavra por palavra, da língua de chegada à língua de partida, mas também beneficiando-se da experiência dos choques entre línguas e culturas para criar uma tradução apropriada àquele contexto.

Por fim, é necessário pensarmos sobre o quão intensa é a ocultação dos autores francófonos de origem africana e suas obras, além do apagamento de suas histórias, memórias e identidades de maneira geral. Isto posto, temos aqui então a importância de auxiliarmos no processo de dar visibilidade à essas obras riquíssimas em conteúdo e qualidade. Espero que esse trabalho possa ajudar nesse processo e que promova o interesse em outros autores e obras, principalmente entre os estudantes de língua francesa no Brasil, para que essas criações sejam mais lidas, comentadas e estudadas subsequentemente.

## REFERÊNCIAS

BONI, T. *Écrire dans l'urgence ou partage inégal du sensible*. Museum International (Edition Francaise). Volume 61; Issue 4. 1; p. 44-53, 2009.

BONI, T. *L'Avenir a rendez-vous avec l'aube*. La Roque-d'Anthéron: Vents d'ailleurs, 2011.

BONI, T. *O poeta no coração da sociedade*. UNESCO, 2017. Disponível em: <https://pt.unesco.org/courier/julho-setembro-2017/o-poeta-no-coracao-da-sociedade>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

GLISSANT, E. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce Albergaria. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

MORAES, Marcelo Jacques DE. *Língua contra língua*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

### Websites consultados:

Archived: Lire eles femmes écrivains et les littératures africaines, 2013. Disponível em < <https://aflit.arts.uwa.edu.au/BoniTanellaEng.html> >

Dicionário Online de Português. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/> >

Dicionário Português Michaelis Online. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/> >

Dicionário Francês Larousse Online. Disponível em: < <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais> >

Éditions Bruno Doucey. Disponível em: < <https://www.editions-brunodoucey.com/tanella-boni/> >

Institute d'études avancées de Paris. Disponível em: < <https://www.paris-ia.fr/en/fellows/tanella-boni> >

La Côte d'Ivoire de 2002 à 2007: une chronologie. Disponível em: < <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/doc/etpays/Afsubsah/popup/BouquetChrono.htm> >

TANELLA BONI, *ÉTERNELLE REVOLTÉE*. Jeune Afrique, 2005. Disponível em: < <https://www.jeuneafrique.com/130667/archives-thematique/tanella-boni-ternelle-r-volt-e/> > Acesso em: 15 de maio de 2021.

UNESCO - Organisation des Nations unies pour l'éducation, la science et la culture. Disponível em: < <http://www.unesco.org/new/fr/culture/themes/dialogue/tagore-neruda-and-cesaire/networks-and-partners/international-sponsoring-committee/tanella-boni/> >

Vents d'ailleurs. Disponível em: < <http://www.ventsdailleurs.com/index.php/la-maison> >

Wikipédia. A enciclopédia livre. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/> >



## **ANEXOS**

### **Anexo A: Obras literárias de Tanella Boni**

#### **Poesia:**

*Labyrinthe*, Lomé: Editions Akpagnon, 1984

*Grains de sable*, Limoges: Le bruit des autres, 1993

*Il n'y a pas de parole heureuse*, Limoges: Le bruit des autres, 1997

*Chaque jour l'espérance*, Paris: L'Harmattan, 2002

*Ma peau est fenêtre d'avenir*, La Rochelle: Rumeur des Ages, 2004

*Gorée île baobab*, Limoges & Ecrits des forges, Trois-Rivières (Québec), 2004

*Le Rêve du dromadaire*, ilustrado por Muriel Diallo), Cotonou: Ruisseaux d'Afrique, 2009

*Jusqu'au souvenir de ton visage*, Paris: Alfabarre, 2010

*L'avenir a rendez-vous avec l'aube*, Vents d'ailleurs, Festival de La Roque-d'Anthéron, 2011. Traduzido em Inglês por Todd Fredson como *The Future Has an Appointment with the Dawn*, com uma Introdução por Honorée Fanonne Jeffers, University of Nebraska Press, 2018

*Toute d'étincelles vêtue*, La Roque-d'Anthéron: Vents d'ailleurs, 2014

*Là où il fait si clair en moi*, Paris: Éditions Bruno Doucey, 2017

#### **Romance:**

*Une vie de crabe*, Dakar: Nouvelles Editions Africaines du Sénégal, 1990

*Les baigneurs du Lac rose*, Abidjan: Nouvelles Editions Ivoiriennes, 1995; Paris: Editions du Serpent à Plumes, 2002

*Matins de couvre-feu*, Paris: Editions du Serpent à plumes, 2005

*Les nègres n'iront jamais au paradis*, Paris: Editions du Serpent à Plumes, 2006

#### **Ensaio:**

*Que vivent les femmes d'Afrique?*, Paris: Editions Panama, 2008

*Réflexions sur l'écriture et les questions de notre temps, La diversité du monde* Paris: L'Harmattan, 2010

#### **Literatura infantil:**

*De l'autre côté du soleil*, Paris: NEA-EDICEF, 1991

*La fugue d'Ozone*, Paris: NEA-EDICEF, 1992

*L'atelier des génies*, Paris: Acoria, 2001

#### **Biografia:**

*Myriam Makeba: une voix pour la liberté*, Paris: Éditions À dos d'âne, 2009